



O PATRIARCALISMO E A VISÃO DA MULHER DIASPÓRICA NOS SERINGAIS DA AMAZÔNIA: UMA LEITURA GEOGRÁFICA EM HISTÓRIAS DE SUBMUNDO DE ARTHUR ENGRÁCIO (1960).

Letícia de Azevedo Passos¹
Carlos Eduardo Parente de Souza²

RESUMO

Neste trabalho, propomos um estudo acerca da coletânea de contos, História de submundo (1960), de Arthur Engrácio à luz dos estudos geográficos analisados pela vertente pós-colonial, com foco nos estudos de Patriarcalismo, Feminismo e Diáspora. O enredo ilustra as condições subalternas que eram impostas as mulheres que se deslocavam em rumo aos seringais da Amazônia. A consequência desse deslocamento será refletida na representação de identidades fragmentadas e pejorativas, não somente da figura feminina, como também, de toda uma geração advinda destas. Para esta análise, utilizamos autores tais como: Almeida (2020), Brah (2002), Corrêa (2000), Engrácio (2005), Loureiro (2015) entre outros. Para representarmos as identidades que se criavam a essas mulheres, analisamos brevemente a contextualização que as levaram até os seringais, até chegarmos as discursões patriarcais. Constatou-se que as personagens da coletânea eram reduzidas, por razões que, entre outras, envolvia o deslocamento de Região e, o principal, o fato de serem mulheres.

Palavras-chave: Geografia; Patriarcalismo; Mulher; Diáspora; Amazônia.

ABSTRACT

In this work, proposed a study the História de Submundo short story (1960), by Arthur Engrácio in the geographic light studies analyzed the post-colonial perspective, focusing of Patriarchalism, Feminism and Diaspora studies. The plot illustrates about the subaltern conditions imposed the women who moved towards the rubber on the Amazon plantations. The consequence this shift will be reflected in the pejorative and fragmented identities representations, not only figure female, but also of an generation arising from these. For this analysis, we used authors such as: Almeida (2020), Brah (2002), Corrêa (2000), Engrácio (2005), Loureiro (2015) among others. In order represent the identities that were created for these women, briefly analyzed the context that led them to rubber plantations, until we reached the patriarchal discourse. It was found that the character in the collection were reduced, for reasons that, among others, displacement of Region and, the main thing involved, the fact they were women.

Keywords: Geography; Patriarchy; Woman; Diaspora; Amazon.

¹Mestranda em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, azevedoleticia8@gmail.com;

² Mestre em Letras pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, cadusouza691@gmail.com;



INTRODUÇÃO

Analisar e discutir a coletânea de contos: *Histórias de Submundo* de Arthur Engrácio, sob o viés diaspórico, patriarcal e feminista não é nenhuma novidade, alguns trabalhos já foram desenvolvidos na academia abordando essas e outras temáticas, o que nos leva a definir então a narrativa como uma representante impar da ficção no cenário Amazônico, sugerindo importantes questionamentos acerca da mulher diaspórica e sua localização enquanto sujeito social. Por isso, o objetivo deste trabalho é desenvolver um estudo acerca do patriarcalismo e a visão da mulher diaspórica nos seringais da amazônia: uma leitura geográfica em “*Histórias de submundo*” de Arthur Engrácio (1960).

Em um período em que as mulheres vivenciavam e ainda vivenciam dificuldades desprezíveis e muito complexas de serem superadas, encontram-se em um espaço ocupado pelo homem, por isso, é necessário que esse momento fique documentado na obra em tela, na qual apresenta a mulher sufocada por uma cultura machista. Por isso, o que vamos abordar neste texto não é nenhuma novidade, mas talvez, sugere uma leitura diferenciada, de sujeitos que viviam na terra em que o autor da narrativa nasceu e viveu.

Sabe-se que, geograficamente o feminismo aos poucos vem ocupando um lugar nas reflexões em diferentes temáticas, sobretudo, as abordagens que enfatizam a independência da mulher e a busca pela igualdade. Entender que a mulher aos poucos vem rompendo as correntes patriarcais que a prenderam é refletir sobre o quanto estas lutaram para subir alguns degraus na escala social que, podem ser analisados quando nos referimos as mulheres em *Histórias de Submundo*. Repudiar a subordinação a qual a sociedade, principalmente, a classe masculina a colocava como plano inferior, era, e ainda continua sendo, o foco das leituras e interpretações marginais.

A geografia cultural enquanto estudo possibilitou às minorias do mundo a fora reflexões sobre liberdade, a autonomia e, a abrangência de igualdade diante a outros povos, promovendo mudanças em muitos aspectos, em especial, na forma como o outro era visto e representado. Por isso, se não promoveu ainda a liberdade na vida das diaspóricas ribeirinhas, ao menos apresentou o dilema vivido por elas e assim iniciar



uma rejeição a forma do patriarcalismo que se instaura, devemos negar toda e qualquer manifestação de desumanização do gênero feminino.

Por tudo o que foi descrito é bom perguntar: Como se constroem as perspectivas para as mulheres que viviam nos seringais da Amazônia? Como elas se libertam? E de quem? Estas são indagações complexas que necessitam de respostas. Verdadeiramente, a mulher que vivia nos seringais ou tiveram descendências destes espaços, percebem horizontes de saída de sua condição de margem mais tarde, o que pode fazer com que suas descendentes se tornem aprisionadas nestas veredas também. É necessário sermos críticos e cautelosos em afirmar que o feminismo “liberta as mulheres” e a insere no contexto social, verdade está que será discutida.

METODOLOGIA

Esta pesquisa terá caráter bibliográfico, de cunho qualitativo. E a interpretação dos estudos patriarcais, a representação da mulher e a diáspora será feita com o foco na teoria literária, em específico no contexto pós-colonial, em autores tais quais: Almeida (2020), Brah (2002), Corrêa (2000), Engrácio (2005), Loureiro (2015) dentre outros. Após o entendimento dos estudos, a coletânea de contos “Histórias de submundo” (1960) de Arthur Engrácio será analisada e dela serão extraídos trechos para exemplificar como ocorrem a aplicação dos estudos na obra.

REFERENCIAL TEÓRICO

CONTEXTO HISTÓRICO E A DIÁSPORA PARA A AMAZÔNIA.

A chegada do colonizador na Amazônia, bem como, em qualquer Espaço colonizado, trouxe uma série de danos para a Região. É verdade que “O colonizador, ao aportar por essas plagas fez jorrar sangue de inúmeras populações indígenas, chegando a dizimar várias delas (ALMEIDA, 2020, p. 24).

Viver na Amazônia configurava-se um desafio dada a questão de isolamento e, pouca qualidade de vida oferecido. É importante lembramos que quando falamos dessa qualidade de vida, somos levados as reflexões advindas do período áureo da borracha,



ou seja, a atuação direta do ser humano nos seringais para a extração do látex, matéria prima utilizada para a produção da borracha, o que resultou na materialização do sujeito local.

Márcio Souza (2009) deixa explícito que o ciclo da borracha foi transitório no Brasil, durando menos de cem anos e foi dividido em duas fases: a primeira demarcada pelo advento da Revolução Industrial Inglesa. A segunda fase aflorou-se no período de 1942-1945. “Dos conceitos desenvolvidos a partir dos aportes de outras áreas do conhecimento [...] mais recentemente surge uma área da Geografia que busca dar foco nas questões emocionais [...] a Geografia das Emoções (SILVA, 2018, p.71”).

A geografia das emoções discute a compreensão da relação emocional que se constrói com os espaços, correlacionando-os aos nossos conhecimentos espaciais, acerca de nossas leituras sobre o que vimos e sentimos. Assim, é de grande importância resgatar essas condições que dizem respeito a essas mulheres que, muitas vezes, vivendo o sonho de seus maridos não tiveram escolhas a não ser acompanhá-los em direção a Amazônia. Desta forma nos questionamos: O que é a Diáspora? É o que será visto no tópico abaixo.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE DIÁSPORA.

Entendemos diáspora como um deslocamento do sujeito de sua pátria para um novo território, tal abordagem nos gera algumas inquietações dada ao fato de “A história do nosso tempo repõe a questão do lugar em uma posição central: redescobre a dimensão do local” (SANTOS, 2014, p. 315), complementando esta posição acerca do local geográfico, Corrêa mostra que “as práticas espaciais resultam, de um lado, da consciência que o homem tem da diferenciação espacial. Consciência que está ancorada em padrões culturais próprios a cada tipo de sociedade” (CORRÊA et al, 2000, p.35).

Por esta razão, quando falamos do deslocamento motivado por diáspora, é interessante também pontuarmos as razões que faz o ser se deslocar. “[...] A questão não é simplesmente sobre quem viaja, mas quando, como e em que circunstância? Que condições socioeconômica, política e culturais marcam as trajetórias dessas viagens?



(BRAH, 2002, p. 182)³ Por essa razão, para entendermos a viagem como sendo uma representação de diáspora, devemos, antes de qualquer coisa perceber: Qual a história por trás da viagem? O fato é que;

Os geógrafos, ao lado de outros cientistas sociais, devem se preparar para colocar os fundamentos de um espaço verdadeiramente humano, um espaço que una os homens por e para seu trabalho, mas não para em seguida os separar entre classes, entre exploradores e explorados; um espaço matéria inerte trabalhado pelo homem, mas não para se voltar contra ele; um espaço, natureza social aberta à contemplação direta dos seres humanos (SANTOS, 2004, p. 267).

Sabemos que as ideologias de Santos é um desafio a ser encarado pela Geografia, mesmo porque, na maioria dos casos, o próprio sujeito que se desloca se percebe como não fazendo parte da sociedade em que se inseriu, sentindo-se. “Libertos do espaço pelas asas do imaginário, por meio do qual explicitam e submetem à sua medida a noção de espaço, os homens estabelecem em plenitude, sua relação com o tempo”. (LOUREIRO, 2015, p.80).

Nessa abordagem, cabe abriremos uma consideração e reforçarmos o fato de para o homem diaspórico o dilema de se viver em outro espaço já se configura um desafio, a mulher que adere a diáspora é ainda mais severamente reduzida, primeiramente pela condição patriarcal, depois por ser de outro espaço e, por fim, por ser mulher, é o que será discutido abaixo.

A MULHER E A VISÃO PATRIARCAL.

“Por que a geografia, em sua maior parte, evita assiduamente pesquisar questões que envolvem metade da humanidade?” (MONK e HANSON, 2016, p.32). Analisar a trajetória pela qual percorreu e percorre a mulher, não é nenhuma novidade. Porém, quando esta vertente de estudo passa a ser discutida pela Geografia, percebemos que o estudo não é tão difundido como nas outras áreas do conhecimento humano. “Mulheres geralmente são invisíveis para a pesquisa geográfica, isso reflete a concentração da [...] disciplina em atividades masculinas e em espaços públicos e paisagens” (MONK e HANSON, 2016, p.42).

³The question is not simply about who travels but when, how and under what circumstance? What social-economic, political and cultural conditions mark the trajectories of these journeys



Os estudos sobre gênero na geografia caminham para a quebra da barreira do patriarcalismo, erradicando, ou pelos menos atenuando a opressão que muitas mulheres sofreram ao longo da estrutura social. Ana Maria Fernandes fala da quebra de paradigmas, a oportunidade do novo na ciência. “Ironicamente, portanto, as ciências sociais naquilo que é ponto de partida das mesmas, suas especificidades consideradas como obstáculos para a sua realização enquanto ciência” (1993, p.53). É difícil partirmos das considerações geográficas sem falarmos da importância e atuação da mulher em várias esferas da estrutura social.

Por essa razão, podemos afirmar que o feminismo conseguiu, em partes, adentrar as diversas áreas de estudos da geografia, criando a identidade do pesquisador já que “uma pessoa vivencia de forma simultânea várias facetas identitárias, como gênero, raça, sexualidade, classe, nacionalidade, religião, deficiência” (NASCIMENTO SILVA e SILVA, 2014, p.18). O que nos gera algumas inquietações a ponto de nos perguntarmos: até que ponto essa mulher foi vista? E a mulher da Amazônia é amparada por essas lutas? De que forma? Por quem? São questionamentos que merecem serem discutidos e aprofundados pela área da geografia na condição de pesquisa acadêmica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Entender e discutir a coletânea de contos “*Histórias de Submundo*” é debruçar-se em meio a um universo cultural na Geografia. Uma vez que esse assunto atrela-se a cultura de determinada Região, as ideologias e, a própria subjetividade social para compreendermos o homem e tudo que ele pode atingir. Por essa razão, o livro em tela, configura-se como uma representação da realidade do caboclo ribeirinho, em especial, a mulher diaspórica que vivia em condições patriarcais, sujeito a ser discutido ao longo desta análise.

A coletânea “História de Submundo” apresenta doze contos, os quais delineiam o dilema social dos habitantes dos seringais da Amazônia. Entretanto, para esta análise, Trabalharemos dois contos “*A revolta e Cláudia*” que representa, de certa forma, a mulher como personagem atuante em seus enredos, para compreendermos como ocorria e ocorre essa condição de submissão em meio a Floresta Amazônica. Porém, para efeito de conhecimento da obra, resumirei as demais narrativas apresentadas.



No conto *Filho de Arigó*, Engrácio se inspira em sua própria vida ribeirinha para ilustrar a condição desumana que eram submetidos os órfãos nas cidades do interior, objetificados por seus familiares, eram dados a famílias com propósito de serem educados e criados. O orfão da narrativa foi humilhado na cozinha do coronel, inclusive, pela empregada, que futuramente foi sua vítima fatal.

No conto *Pescadores*, são apresentados dois ribeirinhos que, tentando garantir uma renda fora dos seringais, caçam jacarés, certa noite, o animal toma as rédeas da situação atancando fatalmente a dupla.

Em *Jorge*, é percebido o sofrimento de um homem motivado pelo revide de sua mulher que o abandona e foge com o amante, devido passar necessidades. Logo, Jorge se entrega aos vícios e vive condições marginais.

A *vingança* narra a história de Maurício Pinto, seringueiro, traído por sua esposa, Rosa Maria, que fugiu com o amante, Tobias, o ex-marido viaja por dez dias e dez noites tencionando se vingar, ao perceber um bando de porco-do-mato encurrala Tobias que é devorado pelos animais.

Zé Perequeté conta a história de José Romualdo Tavares de Zé Perequete que era marginalizado por ser um sujeito com características sujas e simples, entretanto, por trás daquele homem havia um bom coração.

No conto: *Uma História de Trancoso* é apresentada a história de um serigueiro que, durante uma caçada, pensa ter acertado um tiro em um viado, leva o animal em suas costas até sua casa, ao chegar lá é questionado sobre onde teria acertado o animal, como não havia marca de bala, o animal saiu correndo em direção a mata.

O conto: *No vizinho* conta a história do Senhor Gonçalo, que não consegue dormir devido o choro de uma criança vindo casa de Dona Ângela e o senhor Miguel, ao ir saber o que a criança tinha, dona Ângela disse que era apenas dengo.

O coronel é uma história de honra entre um senhor de terra, contra um de seus empregados que estava se relacionando sexualmente com uma de suas filhas, o conto apresenta a crueldade e tirania desse senhor.

O Cão retrata a história de um senhor chamado Heliódório, dono de um cão chamado Tigre, sua esposa estava internada em um hospício e, seu único filho, aos cuidados de sua irmã mas velha, morava em um casarão e tinha como companhia o cão que, inclusive, o acompanhou até a morte.

O segredo do réu é a história de um homem que matou sua amante, chamada



Maria Clara, ela vivia uma vida de traição, o marido tomou conhecimento e, ainda assim, não a deixou, a intenção era tortura-lá com isso, certa vez ele fica sabendo de uma traição cometida por ela, revoltado, ele a mata.

A *revolta* conta a história de revide dos seringueiros contra as ações do Coronel Elzébio, durante a noite o grupo se reuniu tendo como liderança o seringueiro Chico Pantoja para planejarem o ataque no barracão do Coronel, enquanto eles planejavam a ação, Manduca se dirigia ao pretendido local para fazer uma sondagem, chamando pelo vendedor do comércio José Pires, alegava o seringueiro que seu filho estava morrendo e ele precisava de uma vela, logo, foi menosprezado pelo vendedor e, o coronel ouvindo os insultos pediu que atendesse o caboclo.

Ao ouvir que a vela era fiado ele se rebela contra o seringueiro, chingando-o de diversos palavrões, degradando-o ainda mais sua conturbada identidade. Após sair das Terras do Coronel, Manduca deu sinal a Chico Pantoja e os seus outros homens, é interessante descrevermos que, apesar de não termos uma personagem mulher no meio desse motim, uma das razões pelo qual ele existiu foi justamente o fato de essas serem renegadas, principalmente pelo Coronéu, conforme Chico Pantoja relata na passagem abaixo:

[...] Caboclo iria deixar de apanhar de palmatória, suas mulheres seriam respeitadas, suas filhas e irmãs não mais se prostituiriam na cozinha dele. Seria aquela a sua noite de vingança, de liberdade. Por isso é que bebiam e cantavam aquela hora avançada. (ENGRÁCIO, 1960, p.32).

É visto ao longo da narrativa que, mesmo sendo um dos argumentos centrais do motim, a mulher é defendida unicamente por ocasião da honra do homem, que em meio a tantos abusos por parte do coronel tinha a sua imagem manchada, assim, por mais que a mulher sentisse a necessidade de gritar perante os horrores que vivia, seu grito era sufocado quando chegava nas condições masculinas de sua família, sobretudo, o marido, pai, irmãos e outros membros homens da árvore geneológica que não deixavam tais críticas seguirem adiante.

Além disso, a mulher sempre ocupou uma posição subalterna em meio a comunidade dos seringueiros, tendo a sua imagem corrompida e usada para fins de ofensas, conforme a passagem em que o Coronel Elzébio se refere a Chico Pantoja “[...] Já lhe disse que não vendo fiado, filho da puta. Não insista” (ENGRÁCIO, 1960, p.34).



Na condição patriarcalista a mulher ocupa a mais baixa da esfera social, sendo, por diversas vezes vista como um objeto que, na comunidade tinha por função agradar a figura do homem.

Em se tratando dessas mulheres que vinham, muitas das vezes do nordeste, ou seja, a mulher diaspórica elas eram duplamente marginalizadas, a primeira delas por serem mulheres e não estarem a altura do homem para executarem as atividades do dia a dia, a segunda por terem que passar por espectadora da degradação de sua família, conforme mostra o seringueiro manduca ao argumentar as atrocidades que o coronel fazia com os seringueiros:

Quantas vezes nao era um filho que chorava de fome ou a mulher que ardia de febre, vítima da sezão ou do impaludismo implacável, que o obrigava a chegar até a loja do coronel para falar-lhe fiado uma pílula, umas gramas de açúcar que fosse, para um chá ou o mingal da criança (ENGRÁCIO, 1960, p.33/4).

O fato é que não saberemos ao certo qual o sofrimento do marginal se este não relata as suas dores, ainda que a mulher estivesse falando ao marido seus medos e suas angústias este não possuía as condições de representar o sofrimento que dela saía, o que lembra as considerações de Spivak ao falar que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir”(SPIVAK, 2010, p.15). A narrativa apresenta um momento em que Marcelina estava com um tumor nas costas, muito doente, nessa ocasião, o marido toma as rédeas e vai comprar um medicamento para a esposa, juntou tudo o que tinha e foi enganado pelo coronel. Pois, no momento em que ia fazer o curativo na amada, percebeu que a pomada não tinha valor terapêutico, o que mostra o descaso pela figura feminina pelos coronéis.

Ao chegar à casa, indo fazer o curativo em Marecelina, verificou que a pomada não possuía nenhuma qualidade terapêutica, e além do mais estava deteriorada. Num átimo rumou para a loja do coronel.

Coronel foi dizendo [...]

Não terminou a palavra. Dois cabras, a um sinal do coronel, saíram de uma porta dos fundos [...] Não demorou muito para o coronel aparecer [...]

- Então, caboco filho da puta, tu quiseste me desacatar, hem! Sabes por acaso o que acontece com quem ousa desrespeitar o coronel Euzébio? Verás já. (ENGRÁCIO, 1960, p.34).

Desta forma, fica evidente o distanciamento existente entre o centro e a margem. Engrácio não só mostra a posição abaixo da condição de subalternidade



ocupada pela mulher, bem como, fica claro a extensão existente entre o viver no barracão e sobreviver nos seringais, uma vez que estes sujeitos, em especial, as mulheres, ocupam “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”(SPIVAK, 2010, p.12) O que sugere uma representação construída sob degradação, estereótipos que por muito tempo identificou a mulher diaspóricas nos seringais e rios da Amazônia.

É importante refletirmos que essa imagem patriarcal da mulher vai além da Zona Rural, campestre, ribeirinha, muitas vezes, essas identidades que a mulher da Amazônia assume o acompanha, sobretudo, quando esta muda da zona Rural para a Urbana, é o que aconteceu com Cláudia, a personagem a ser analisa no segundo conto que, inclusive, carrega seu nome de mulher como título.

Cláudia, menina pobre, morava na cidade grande, aos dezesseis anos de idade casou-se com Gustavo, um homem de família tradicional, com quem viveu, aproximadamente, um ano de felicidade, o marido, antes de conhecê-la era uma pessoa de festas e noitadas, não demorou muito tempo para que voltasse a essa rotina e, menosprezasse a companheira. Engrácio deixa clara essa condição ao relatar um episódio em que o Marido chega da festa e percebe a presença de sua companheira o aguardando e logo fala;

Sua cachorra, sua coisa ruim que veio fazer na minha vida, hem?... Responde, vamos!... Veio roubar a minha felicidade; gastar o meu dinheiro... Não é isso?!... Fale! – dizia-lhe ao entrar em casa, o dedo em riste, o cabelo despenteado, a gravata frouxa e amarrotada, ébrio.
Não lhe respondia. Abaixava a cabeça e chorava. (ENGRÁCIO, 1960, p.42-3).

É evidente a forma como a mulher da Amazônia é desconstruída por seu marido, Cláudia sentia calada cada agressão que a linguagem de seu esposo proferia, o que nos faz questionarmos acerca da identidade das mulheres amazônicas dos anos 60 e, até mesmo, na atualidade: Até que ponto o patriarcalismo influenciou na representação de mulheres descendentes dos seringais, de nordestinos? O fato é que a personagem aceitava as ofensas, pois ao chorar fica claro que está não revidava e sim, assistia pacificamente essas atrocidades mesmo que tivesse desejos de reagir, uma vez que a narrativa mostra que;



[...] Às vezes vinha-lhe um forte desejo de rebelar-se, dizer-lhes coisas. A lembrança da irmã Brasilina chegava-lhe, então; como um refrigério e aplacava-lhe o ímpeto. Intimamente, porém, seu ódio explodia. E perguntava-se um mundo de coisas. Era lícito suportar as invectivas constante do marido, suas grosserias, suas brutalidades? Tinha ele o direito de maltratá-la ou traí-la com outras mulheres? Essas suas atitudes não estariam pedindo atitudes correspondentes da parte dela? (ENGRÁCIO, 1960, p.42-3).

Percebemos que, o fato de a personagem pensar em rebelar-se contra as ações do marido o coloca a frente de muitas mulheres que, ideologicamente tiveram suas identidades construídas pelos discursos do patriarcalismo. Cláudia percebeu-se diante de sua emancipação definitiva quando o marido, em uma noite, sofreu um insulto cerebral chegando a ficar à beira da morte e ela própria pensou em suicídio, mas a função que era dada a mulher submissa de mãe a impedia desse feito, os dias foram passando e ela se sentia desolada, a narrativa mostra que;

A monotonia, cada dia que passava, tornava-se-lhe mais insuportável. Precisava viver. Era jovem, bela, feria-lhe as carnes o agulhão dos desejos incontidos. E por que não satisfazer esses desejos? Por que ter escrúpulos quando o marido, embora novo, não era mais do que um morto-vivo e já não lhe podia abafar os gritos tão naturais do sexo? E se os outros homens a tentavam com promessas de felicidade, por que não experimentar, já que nunca tivera com ele? E sacrificar toda uma mocidade, estuante e vivida como era ainda a sua, junto a um entrevado não seria estupidez, não seria até um crime? Era bonita bem o sabia. Quantas vezes se despiu diante do espelho grande da alcova e não passara horas e horas contemplando as graciosas linhas do seu corpo? Nesses momentos passava e repassava as mãos nos seios, que se conservavam eretos e duros, nos quadris, nas coxas, e ficava como que em êxtases ante a exuberância das suas formas. Estava convicta de que, arranjando outra conquista, não o estaria ultrajando. Estaria, sim, tirando desforra aquilo que ele, sadio, tantas vezes lhe havia feito. Pois os direitos não eram iguais? O marido, porventura, podia tripudiar sobre a mulher sem que esta tivesse o direito de defender-se? (ENGRÁCIO, 1960, p. 43-4).

Todas essas formas de revidar psicologicamente construía uma nova Cláudia e, conseqüentemente, uma significação para a mulher, descendente de seringueiros que vivia na Zona Urbana. Suas vontades aos poucos, aparentemente, emancipa e empodera essa nova figura feminina, levando ao público leitor uma visão que de fato configura os reais direitos das mulheres, de ser e ter suas vontades respeitadas. O espelho faz Cláudia perceber um lado dela própria que até então era desconhecido, revela a identidade obscurecida pela patriarcalismo mas, até que ponto?

O fato é que Cláudia sofria sérios conflitos consigo mesma, muitas vezes, implantado pela sociedade que, em seu psicológico, gritava para que ela não lutasse



contra o patriarcalismo que a sufocava. Ainda que saibamos que no cenário social a mulher fosse percebida como sujeito emudecido, se não pelo patriarcalismo, por sua própria convicção de mulher que foi ensinada a ser a parceira, mãe, dona do lar, costureira e outras serventias ditadas pela sociedade, não podendo vislumbrar seu destino, se contendo sempre com a posição de secundária as ações dos homens da família, ou mesmo, quando casada, ao marido e filhos.

Engrácio constrói esse cenário quando Cláudia, em certo dia ver os esforços do marido para ter autonomia e desenvolver as atividades que antes do mal que lhe afligia era corriqueiro, assim;

Noites têm sucedido noites, e na maioria delas não passaram em claro, ao lado do enfermo que, no seu desespero insano, atira-se na cama, grunhindo como um porco e, numa tentativa vã, procura pôr os membros em movimentos: com a mão sadia puxa e repuxa as pernas que não o atendem, teimando em conserva-se imóveis como barra de chumbo. Nesses instantes ninguém interfere. Ficam a parte, na porta do quarto, até que ele canse. Então, percebendo a inutilidade de seus esforços, queda-se por um momento. Depois, agarrando-se com a mão boa nos pés da cama, fita Cláudia em cheio, e é quando se notam os olhos encherem d'água. O espetáculo é por demais patético para a moça, que não fica nunca no quarto. Em soluços sai da presença do desgraçado, que é colocado de novo no leito pela criada. O médico já disse a ela, há dias, que ele não durará mais de um mês (ENGRÁCIO, 1960, p. 45).

O anseio de perder o marido faz com que Cláudia sobreviva com um sentimento de culpa que diariamente se intensifica, não podemos afirmar que, o acontecido com Gustavo tenha oportunizado a liberdade de Cláudia, muito pelo contrário, o prendeu não somente ao marido, bem como, a própria sociedade que cobra fidelidade da mulher. Por isso, a proporção que ela pensa em romper com o patriarcalismo, ele se perceberá diante do conflito com a sociedade. Todo esse conflito foi apresentado quando a personagem marca um encontro com outro homem, a narrativa mostra que;

Consultou o relógio: oito horas [...] lançou a vista pela rua. Lá ainda encontrava o carro [...] Pouco a pouco foi sentindo levantar-se uma voz dentro de si o demônio da carne que, aparentemente, estivera adormecido [...] Vai. A liberdade te chama. És muito jovem e bela para te sacrificar a um paralisado. Ele já te maltratou muito; a gora é a sua vez: vinga-te! Receia a sociedade? Bobagem. Ela é podre; não te pode censurar porque vive eternamente na lama do erro, do pecado, das prostituições morais. Não percas esta oportunidade. Vai...! Falava-lhe outra: “Vê o que está fazendo. Não te dói a consciência em insultar um semidefunto? E a tua hora não valerá nada? E a tua filhinha, que exemplo terá de ti? E a sociedade em que te abriga, o



que dirá de tua ação? Então não reconheces que devemos satisfação dos nossos atos à Sociedade?...” (ENGRÁCIO, 1960, p. 45-6).

É visto que em meio a muitas cobranças, imagens destorcidas e satisfações a mulher descendentes de seringueiros, figura que veio e vive na Zona Urbana não sabe mais o que ela é, verdade que os estudos da sociedade abraçados as reflexões feministas ajudaram, ainda que de forma rastejante, a indagarmos o que é ser e como viver sendo mulher em uma sociedade machista e patriarcal. As discussões entram na Geografia principalmente quando se busca encontrar essas mulheres no espaço. O que faz questionarmos acerca de quem é a Cláudia? Em que sociedade ela está? Qual o meu reflexo ou reflexo de uma parente, amiga é representado por ela? Que tipo de corda prende-nos enquanto mulheres? Talvez essa corda não tenha cor e sim, forças e peso, provavelmente, essa corda seja a ideologia social, tal qual o autor representa;

Recostada à janela, de pé, Cláudia ouvia emocionada aquelas vozes estranhas [...] A buzina estridulou lá fora outra vez. [...] fazia um luar forte, penetrando pela janela, iam incidir sobre um grande crucifixo pendente da parede, iluminando-o suavemente. Cláudia por um momento, fitou-o. Que se passa com ela? Não estava certa? E por que não vinha em seu socorro?
- Ah! meu Deus, eu sou uma desgraçada!... Gemeu, caindo sobre a cama, em prantos.
[...] Quando ergueu a vista, pareceu-lhe ver o crucificado desprezar-se do seu lugar e, com os braços abertos, sangrando, encaminha-se para ela. Levantou-se estupefata, abafando com dificuldade um grito [...] Então, baixou a cabeça e pôs-se a rezar. Nesse instante um ruído de motor despertou-lhe a atenção. [...] Sem presa, aparentemente tranquila, relançou a vista pela janela: lá embaixo, o carro perdia-se numa curva próxima (ENGRÁCIO, 1960, p. 46).

Estudando a maneira como Arthur Engrácio estrutura o lado emocional de Cláudia, é claro a luta de classe entre ser homem e ser mulher e, principalmente, se enquadrar em uma sociedade com concepções formadas acerca de ambos os gêneros. Acompanhamos que, por um lado a personagem procura se emancipar de todo o sofrimento até então passado, porém, ela se prende aos valores aceitando a condição de submissa, já que no final do conto ela se rende aos preceitos sociais, o que não surpreende muito, uma vez que estamos diante de uma mulher, descendentes de diaspóricos, seringueiros nordestinos que foram aculturados pelo patriarcalismo.

Por isso, caminhando com as ideias de emancipação, autonomia, vontade própria e futuro, Engrácio não representou unicamente o papel e as reflexões acerca destas mulheres vindas aos seringais, muito além disso, é proposto a maneira de como



estas se identificam na sociedade, principalmente, a sociedade que se industrializa como um sujeito atuante, podendo agir e escolher o que melhor lhe convém o que foge aos valores patriarcais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coletânea de contos *Histórias de Submundo* se sobressai como um trabalho que apresenta, dentro de suas possibilidades, as reais condições do sujeito que vivia na Região Amazônica, em especial, nos seringais, dentre os quais damos uma atenção especial ao papel da mulher diaspórica nordestina, ou descendente destes sujeitos oprimidos que, dia a dia lutava, muitas vezes, consigo mesma para conseguir fugir as ações do patriarcalismo, a mulher lutou e todos os dias luta em prol de seu espaço na sociedade em todos os aspectos, cultural e, principalmente, político.

O que queremos enfatizar é que tanto a mulher sem fala “*Marcelina*” do conto a *Revolta e Cláudia*, são reflexo do efeito do colonialismo que assolou e assola muitas Regiões ao longo do planeta, ficando a floresta amazônica como uma pequena representação desta prática. Podemos dizer que Arthur Engrácio inovou ao apresentar a mulher como realmente ela era, uma sobrevivente por trás do discurso e da ideologia machista. A mulher que nas entrelinhas da sociedade, tenciona lutar ao patriarcalismo que julga o discurso do marido como sendo o centro da relação e, nesse caso, o discurso não é somente o ato de fala, vai bem mais além, conforme visto em Cláudia.

Os estudos das diásporas associados as discursões feministas, certamente poderíamos descrever, ajudou a centralizar e fomentar debates acerca do gênero e sua importância nos estudos da Geografia. Grupos de pesquisa não medem esforços e tem se preocupado na contemporaneidade por apresentar a importância da mulher no contexto social, uma vez que estas, hoje, não apresentam como única possibilidade de serem reconhecida na sociedade por atuarem em profissões do lar e outras atividades rotuladas a elas.

Inúmeros outros aspectos a serem indagados na narrativa estão direcionados as mulheres diaspóricas, à mulher nordestina, que veio na condição de acompanhante do marido, aquela que sai das dependências de sua família para viver as sombras de seus maridos. Afirmar que os movimentos feministas atendeu e atende as necessidades das mulheres que vivem as margens dos Rios, nas comunidades ribeirinhas, ainda pode ser



uma afirmação sem fundamento. O que pode ser louvável, certamente, é que por meio da contribuição de Arthur Ingráceo, as mulheres puderam ser apresentadas como realmente elas são, sofredoras e idealistas de futuros melhores, mas qual? que tipo? E como? São perguntas que ainda podem ser respondidas dada a amplitude da pesquisa geográfica que os documentos históricos trazem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. H. Amazônia (s): **Pequenas inflexões sobre grandes abacaxis**. 1 ed. Marabá: Iguana, 2020.

BRAH, A. **Cartographies of diaspora: Contesting identities**. London: Routledge, 2002.

CORRÊA, R. L. et al. **Espaço, um conceito-chave da Geografia. Geografia: Conceitos e Temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

ENGRÁCIO, Arthur. **Histórias de Submundo**. Organização: Tenório Telles. 2ª edição – Manaus. Editora: Valer.UniNORTE, 2005.

FERNANDES, A. M. **O Paradigma Clássico Versus o Surgimento de um Novo Paradigma da Ciência e da Tecnologia e Suas Relações com o Homem, a Natureza, a História e a Cultura**. In: **Cadernos de Sociologia/ Programa de Pós Graduação em Sociologia**. V.4, Número Especial. PPGS/UFRG, Porto Alegre, 1993.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura Amazônica uma Poética do Imaginário**. 5 ed. Manaus - AM: Valer, 2015.

MONK, J. e HANSON, S. **Não exclua metade da humanidade da Geografia Humana** In: Silva, J. et al. **Geografias Feministas e das Sexualidades: Encontros e diferenças**. Ponta Grossa - PR: Toda Palavra, 2016.

NASCIMENTO SILVA, M. G. S e SILVA, M. J. **Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: Em direção às pluriversalidades do saber geográfico**. In: **Interseccionalidades, Gêneros e Sexualidades na Análise Espacial**. Ponta Grossa – PR: Toda Palavra, 2014.

SANTOS, Milton. (2014), **A natureza do espaço**. São Paulo, Edusp.

SILVA, M. A. S. **Sobre Emoções e Lugares: Contribuições das Emoções Para um Debate Interdisciplinar**. RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v.17, n.50, p. 68-84, agosto de 2018.



XIV ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM
GEOGRAFIA
5ª EDIÇÃO ONLINE

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 133p., 2010 [1985]. Tradução do original em inglês: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.